

de interesse permanente: a diplomacia européia de 1815 a 1830, a política interna da França de Luís XVIII e Carlos X, e a própria personalidade de Metternich.

Devemos acrescentar ainda, para orientar os nossos leitores, que os dois primeiros volumes foram publicados pela Livraria Hachette e este o é pela Editôra Presses Continentales (40, rue du Cherche-Midi, Paris 6°).

E. S. P.

*

* *

BETHELL (Leslie). — *The Abolition of the Brazilian Slave Trade: Britain, Brazil and the Slave Trade Questions, 1807/1869*. Cambridge, 1970. 425 pp.

A história da supressão do tráfico negreiro internacional tem sido objeto de atenção de numerosos autores em proveitosos trabalhos pioneiros. A obra de Bethell é um detalhado estudo de importante aspecto do assunto: a luta pela extinção do tráfico de escravos para o Brasil. Examina o problema a partir do momento em que, depois de lenta e amarga luta, dentro e fora do Parlamento é o comércio de escravos declarado ilegal pelos súditos ingleses (1807), e a Inglaterra passa a pressionar os países que o mantêm, no sentido de seguir-lhe os passos. No decorrer do trabalho, procura o autor responder a três questões básicas: 1. — Como chegou a ser declarado ilegal no Brasil o tráfico de escravos, um dos maiores pilares da economia do país? (capítulos 1 e 2); 2. — Por que, tendo êle sido declarado ilegal, foi impossível suprimi-lo por mais de vinte anos? (capítulos 3 a 10); 3. — Como foi finalmente abolido? (capítulos 11 a 13). Mapas, abreviações das fontes utilizadas, apêndice com estimativas sôbre a importação de escravos para o Brasil no período de 1831 a 1855, exaustiva bibliografia e índice remissivo completam êste importante estudo, que pode ainda ser caracterizado como minuciosa análise das relações anglo-brasileiras, dominadas e prejudicadas pela questão do tráfico escravo durante não só os trinta anos posteriores à independência do Brasil, como, na verdade, longo tempo após o comércio negreiro ter sido suprimido.

SUELY ROBLES REIS DE QUEIROZ

*

* *

HOLLANDA (Sérgio Buarque de). — Coleção Sérgio Buarque de Holanda. *História do Brasil*. 2 — *Da Independência aos nossos dias. Curso Moderno*. Formato 19 x 28. — Cartonado plástico. Companhia Editôra Nacional. São Paulo, 1972. 151 páginas, 268 ilustrações e fotografias, 62 interpretações de texto, 5 tabelas cronológicas.

Felizmente já está ao alcance de todos nós, o 2º volume da História do Brasil, do Prof. Sérgio Buarque de Hollanda, assessorado pelos professores da Universidade de São Paulo: Carla de Queiroz, Sylvia Barbosa Ferraz, Virgílio Noya Pinto e Laima Mesgravis, obra didática destinada à 6a. série do Primeiro Grau (antiga 2a. Série ginásial), abordando *Da Independência aos nossos dias*.

Na primeira guarda, retrata a Proclamação da Independência (pintura de 1844, de François René Moreaux), bem pouco conhecida dos brasileiros, embora criticada por alguns (*) é de interesse para compararmos a obra de Pedro Américo. Na segunda guarda Brasília — Esplanada dos Ministérios e Praça dos 3 Poderes.

A obra é dividida em sete partes:

I — *O Primeiro Reinado e a Regência: 1823-1840.*

A política de Dom Pedro é abordada através do *Decreto de Dissolução da Assembléa Constituinte*. Ilustrado por Walsh e Bertichen. Explica do nível do instruendo a Confederação do Equador e a independência da Cisplatina, com gráficos, organogramas e textos da época. Assim, segue à abolição de Dom Pedro, o Período Regencial e os Movimentos revolucionários após a mesma. Extra de forma, despertando paulativamente o interesse, preparando para mostrar a economia, quer no primeiro Reinado, quer na Regência. Seguido de Resumo e rico vocabulário. Mostram também as "*Contribuições da Colonização Alemã no Brasil*". E Panorama Cultural e o Brasil inserido nele. Finaliza com a atualidade e Tabela cronológica, comparando a História do Brasil com a Geral e Panorama Cultural.

II. — *O Segundo Reinado: 1840-1889.*

Mostra como o Segundo Reinado foi um período muito importante para o Brasil. Trouxe a ruptura definitiva de velhos laços coloniais, e nossa afirmação política e econômica no cenário mundial.

Dá idéia da nossa organização e administração e a forma pela qual deu-se a Pacificação das Províncias. Tudo isto documentado com organogramas, textos e gráficos.

(*). — MAGALHÃES Júnior (R.), in artigo "A História do Brasil na pintura", pág. 44-an: O Cruzeiro, 4º Centenário do Rio de Janeiro: "Meu Deus que fazem essas crianças no meio de tantos cavaleiros?" Tal pergunta deve ter sido feita muitas vezes, diante da tela, hoje no Museu Imperial. Ele misturou cavaleiros, peões, damas, meninos. D. Pedro ao centro, dá o grito de Independência ou Morte. Pedro Américo refez melhor o tema, visitando primeiro o local, além disso estudou os documentos que, entre outras coisas, provam que D. Pedro I montava uma égua tordilha e não um cavalo, como está na estátua equestre do Rio de Janeiro.

É muito bem enfocado a questão dos conflitos externos desde a campanha contra Oribe até a Questão Christie e as desculpas oficiais apresentadas por Edward Thornton a D. Pedro I.

As campanhas pela abolição da escravatura são tratadas com especial carinho desde o aparecimento do Correio Brasileiro em 1809, de Hipólito da Costa, passando por tôdas as leis, gravuras de Rugendas, versos de Castro Alves, finalmente, o *fac-simile* da Lei Áurea.

III. — *A República.*

O prof. Sérgio Buarque de Hollanda e sua equipe mostram que os ideais republicanos haviam nascido no final do século XVIII. Enfocam na *Questão Religiosa*, o problema da Maçonaria, bem como o poder da Igreja, subordinada ao Poder Civil. É mostrado também a Questão Militar e a proclamação da República, através do Manifesto assinado pelo Visconde de Pelotas e Deodoro, bem como o Manifesto Republicano de 3-12-1870.

Sob a sigla Economia e Desenvolvimento, é feito um estudo retrospectivo a partir de 1850, passando pelo algodão, fumo, cacau, borracha, subordinado à mão-de-obra escrava, posterior e paulatinamente substituída pela mão-de-obra assalariada, obtida com a imigração de colonos estrangeiros. Todos êsses produtos ilustrados por *Champney, Agassiz, Sisson, Bertichen.*

Segue-se um Resumo dos assuntos tratados no tópico, vocabulário, as *contribuições da colonização italiana no Brasil.*

No Panorama Cultural, mostrando que na segunda metade do século XIX aceleraram-se as descobertas científicas, que influenciaram a literatura de ficção. Explodiu a poesia, o teatro a filosofia. Na pintura apareceu *Monet, Manet, Renoir, Degas* etc.. Reflexos daquele progresso no Brasil em todos os ramos do conhecimento humano, enfim a *Belle Epoque.*

Como no capítulo anterior, há uma parte em que a geografia ajuda a explicar a História, dando especial atenção ao comércio externo e interno, e finaliza com uma Tabela Cronológica, que permite ao estudante visualizar panoramicamente o Brasil no Mundo.

IV. — *A República Velha: 1889-1930.*

Cognominou-se República Velha ao período de nossa História que vai de 1889 até 1930.

O autor a divide em 2 fases. Na primeira, de 1889 a 1898, foram dadas novas e importantes leis ao país, permitindo, apesar de agitações contínuas, que o regime

republicano se firmasse e fôsse mantida a unidade brasileira. Na segunda fase, de 1898 a 1930, estando já assegurado o sistema republicano de govêrno, pôde ser completado o sistema de leis com a promulgação do Código Civil Brasileiro em 1916.

No organograma da Administração o instruendo pode comparar a República ao Império e tirar suas próprias conclusões. É mostrado através de textos, artigos da constituição de 1891.

Ilustram ainda o capítulo fotos e desenhos da Revolução Federalista e da Revolta da Armada.

Na parte da Política externa, as Questões de limites são inteligentemente tratadas desde 1895 (Palmas) até 1904 (Pirara).

Finaliza com a participação do Brasil na I Guerra Mundial e a aliança entre os povos americanos.

É tratado de forma muito acurada o problema da economia e desenvolvimento, enfocando, o café no Sul e a borracha no norte e suas crises, bem como as nossas ferrovias, indústrias e o ensino em nosso país.

Termina o capítulo com um resumo e um vocabulário, com as contribuições da colonização japonesa no Brasil.

O panorama cultural é ilustrado por fotos de obras de *Le Corbusier*, *Vangogh*, *Toulouse-Lautrec*, *Gauguin*, etc., e seus reflexos na cultura brasileira, tanto nas artes plásticas, como na literatura.

Enfoca muito bem a Semana de Arte Moderna de 1922, lembrando *Tarsila Amaral*, *Anita Mafalti*, *Di Cavalcanti* etc..

Indica ainda a forma pela qual a Geografia ajuda a explicar a História e fornece a tabela Cronológica, comparando nossa história dentro da geral.

V. — *A Segunda República: 1930-1945.*

Como sub-título Sérgio Buarque de Hollanda a chama “Epôca de Vargas” e a divide em três fases: 1930 a 1934 — Govêrno Provisório; 1934 a 1937 — em que Vargas governou como presidente eleito pela Assembléia Constituinte; de 1937 a 1945, quando foi instalado o Estado Nôvo.

Fala da Revolução Constitucionalista, criação de territórios, Intentona Integralista, cangaço e II Guerra Mundial e o fim da época em 29-10-1945, com o término do Estado Nôvo.

Consigna ainda a nossa política externa e enfoca a Economia e Desenvolvimento.

Como nos capítulos anteriores, indica a Cultura brasileira dentro do Panorama Cultural, vocabulário, causa das migrações, apresentada através da Geografia ajudando a explicar a História, e por fim, Tabela Cronológica.

VI. — *A República Nova: 1946 — nossos dias.*

Inicia o capítulo com a deposição de Vargas, um organograma da administração, listagem dos Presidentes da República, desde Eurico Gaspar Dutra e o atual, General Emílio Garrastazu Médici.

Na parte *Economia e Desenvolvimento*, enfoca a produção de veículos, número de alunos matriculados, produção de aço, de cimento, através de gráficos demonstrativos.

No setor de transportes, dá realce à rodovia Belem-Brasília, Transamazônica, e a Cuiabá-Santarém, cujo objetivo é promover o desenvolvimento de várias áreas pouco habitadas, levando-as a participar do desenvolvimento geral do país, tendo antes falado de oleoduto, Usinas hidroelétricas, fábrica de ônibus, caminhões e estaleiros.

Mostra e enfoca num resumo do capítulo: vocabulário, Brasília, a importância do petróleo e, no fim, uma tabela cronológica.

VII. — *A vida no Brasil Independente.*

Mostra-nos o Rio de Janeiro, como Capital do Brasil e centro da vida política econômica e social, com desenhos de *Agostini*, *Chamberlain*, etc., retratando o Rio de Janeiro de então.

Outras cidades, como São Luis do Maranhão, Belém do Para, Recife, são evidenciadas.

Em contraste com essas capitais da orla marítima, aparece São Paulo, desde o início do Império, pacato até 1920. No fim, um vocabulário.

VIII. — *O Folclore Brasileiro.*

O capítulo é iniciado com a lenda do Uirapurú e conta de forma resumida o nosso folclore originado das lendas indígenas.

Posteriormente faz o mesmo com o negro.

Lembra ainda as crenças e costumes introduzidos entre nós, pelos europeus.

O autor não esquece o folclore do Rio Grande do Sul, o Bumba-Meu-Boi, frevo, samba cateretê e finaliza com um vocabulário.

Muito importante mesmo são os dois cadernos, que completam a obra, um para o estudante — “caderno de trabalhos práticos”, onde encontra exercícios dos mais variados; o segundo, destinado a orientação metodológica do professor, indica a melhor forma do aproveitamento do livro texto.

JOSUÉ CALLANDER DOS REIS

*

* *

BARBOSA (Francisco de Assis) (organizado por). — *João Pinheiro: documentário sobre sua vida*. Belo-Horizonte. (Publicações do Arquivo Público Mineiro nº 1). 1966.

Embora não se trate de publicação recente, cremos de justiça registrá-la, pois só agora dela tivemos conhecimento, graças à gentileza do Dr. Moacyr Vallim de Freitas, o excelente amigo que possuímos em Coronel Fabriciano, no “vale do aço”, em Minas Gerais. Por seu intermédio, o Dr. João Gomes Teixeira, diretor do Arquivo Público Mineiro, nô-la ofertou. A importante instituição mineira tem uma bela fôlha de serviço não apenas à história de Minas Gerais, mas à historiografia brasileira numa maneira geral. Sua revista é uma das mais prestigiosas publicações de interesse histórico existentes no país. Como se não bastasse, inicia, agora, o Arquivo Público Mineiro uma nova série, de publicações avulsas, da qual o primeiro volume a vir à publicidade é este precioso documentário sobre o grande mineiro que foi João Pinheiro, nascido no Serro em 1860 e falecido em Belo Horizonte em 1908. Não chegou a completar 48 anos e a trajetória de sua vida vale por verdadeiro sulco luminoso na história republicana do Brasil. Eleito para a presidência de seu Estado em 1906, faleceu quando ainda faltava metade de seu mandato. O presente volume consta de um documentário sobre sua vida pública: manifestos, discursos, mensagens, entrevistas, tudo precedido de excelente estudo de Francisco de Assis Barbosa sobre “João Pinheiro e seu ideal republicano”. Sobre alguns traços de sua personalidade, assim se exprimiu o prefaciador do volume, depois de referir-se às suas preocupações, senão socialistas, pelo menos socializantes: “A tanto não chegaria João Pinheiro com o seu economismo, de fundo eminentemente conservador e pragmático. É que, sob o ponto de vista político, dentro das condições econômicas e sociais do Brasil do seu tempo, havia uma etapa a vencer, ainda não superada: a formação do capitalismo brasileiro, de que o líder mineiro se tornaria o mais autêntico porta-voz na hora em que o país aspirava por um progresso apenas entrevisto na miragem do encilhamento, nos primeiros anos do novo regime. A República havia prometido o progresso e não cumprira a promessa. E a luta pelo progresso tinha que ser feita, agora, sem arroubos de sonhador, embora que com alguma audácia e muita energia. Mas sem devaneios, nem aventuras. Nada de experiências visionárias. Nada de repetir os erros do passado. Um novo descalabro financeiro poderia significar epílogo funesto ao Quinze de No-